

Educação, literatura e preconceito: caçadas de pedrinho em 5 questões
Education, literature and prejudice: "Caçadas de pedrinho" in 5 issues

Marisa Lajolo¹

¹ Universidade Presbiteriana Mackenzie/Unicamp CNPq

Recebido em 10 de novembro de 2015; Aceito em 05 de dezembro de 2015.

Resumo

O artigo discute, em cinco partes, literatura e preconceito em "Caçadas de Pedrinho" (1933) de Monteiro Lobato, focalizando questões que contextualizam e historicam discussões contemporâneas sobre a leitura da obra lobatiana.

Palavras-chave: Educação. Literatura. Preconceito. Caçadas de Pedrinho. Monteiro Lobato.

Abstract

In five issues, the article discusses literature and prejudice in "Caçadas de Pedrinho", Monteiro Lobato's book published in 1933. It focuses on historical context of contemporary discussions about Lobato's children's literature.

Keywords: Education. Literature. Prejudice. "Caçadas de Pedrinho" ("Pedrinho's Hunting"). Monteiro Lobato.

A Joel Rufino dos Santos, *in memoriam*

Meu esporte favorito é olhar estantes, refazer viagens.

Que impressão me causou, lá por 1950, aos nove anos, *O Minotauro*, de Monteiro Lobato? É uma história engenhosa.

Confusão na festa de casamento de Branca de Neve. A boa preta Nastácia, atarefada na cozinha do palácio, se perde. Para encontrá-la, a turma do Pica-pau Amarelo parte para a Grécia, onde receberá inestimáveis lições de filosofia e política. Chegam no instante em que o Minotauro, tourão de corpo humano, se farta com os bolinhos da preta. Seduzido pelo estômago, gordo com três papadas, adia a hora de devorá-la.

- Sim, você está salva, Nastácia, e vai voltar para o Pica-pau, e vai continuar por toda a vida a fazer bolinhos para nós. Vê como é bom saber fazer uma coisa bem feita?, arremata Emília. (...) ¹

1) UM POUCO DE HISTÓRIA RECENTE

Em 2010, o Sr. Antonio Gomes da Costa Neto aponta no livro Caçadas de Pedrinho (Monteiro Lobato)

estereotipia ao negro e ao universo africano, que se repete em vários trechos do livro .

Considera ainda que – na versão analisada , o livro registra em nota

os atuais avanços políticos e sociais da preservação do meio ambiente, não manifestando, no entanto, o mesmo cuidado em relação aos estereótipos raciais presentes na obra.

Entende, a partir de tais observações, que a obra que conta a história da caçada da onça e da posterior inclusão do rinoceronte Quindim ao sítio de Dona Benta,

só deve ser utilizada no contexto da educação escolar quando o professor tiver a compreensão dos processos históricos que geram o racismo no Brasil .

A questão é muito bem vinda, pois põe em pauta um tópico importante e polêmico: os efeitos da leitura na formação das pessoas, particularmente efeitos da leitura literária.

Como a leitura de obras literárias influencia leitores ? Influencia-os para o bem ou para o mal ? Ou para o bem e para o mal ?

Ou depende ... ?

Na realidade, o tópico é mais amplo. A interrogação também se volta (e precisa mesmo voltar-se) para efeitos do consumo de produtos culturais. Como filmes, revistas, séries de TV, games, músicas, peças de teatro etc. interferem na formação das pessoas ? Tais objetos formam *ou* deformam ? Ou *podem* formar e deformar ?

Ou depende ...?

1 Joel Rufino dos Santos. Crônicas para ler na escola. R.J. Editora Objetiva.

É com base nestas preocupações que o processo ao qual a denúncia do Sr. Antonio Gomes da Costa Neto deu início (Parecer CNE/CEB 15/2010) recomenda que se tome

cuidado com os textos que podem reforçar preconceitos, dando, mais adiante, exemplos de medidas que podem concretizar o *tomar cuidado* recomendado.

Entre as medidas propostas, inclui-se

(...) exigir da editora responsável pela publicação a inserção no texto de apresentação de uma nota explicativa e de esclarecimentos ao leitor sobre os estudos atuais e críticos que discutam a presença de estereótipos raciais na literatura. Esta providência deverá ser solicitada em relação ao livro Caçadas de Pedrinho e deverá ser extensiva a todas as obras literárias que se encontrem em situação semelhante (...)

Interrompendo momentaneamente a discussão do tema que dá nome a este nosso encontro “Educação, literatura e preconceito: as Caçadas de Pedrinho em questão “ , peço licença para um breve recuo no tempo.

2) OUTRO POUCO DE UMA OUTRA HISTÓRIA TAMBÉM RECENTE

Jornais e revistas brasileiros do século XIX ofereciam um produto que hoje é fornecido pela televisão: histórias empolgantes, contadas aos pedaços, um capítulo em cada dia ou em cada semana, ou mesmo em cada mês... Foi neste formato que, em 1880, o público - talvez em sua maioria o público carioca feminino - tomou conhecimento, pelas páginas da *Revista Brasileira* da história de Brás Cubas, personagem inventada por Machado de Assis(1839-1908) .

Publicada entre março e dezembro de 1880, como se fosse uma biografia escrita pelo próprio Brás Cubas, no ano seguinte a história foi lançada em livro, o hoje clássico Memórias Póstumas de Brás Cubas .

Um episódio deste livro que, em primeira pessoa, conta a história de Brás Cubas – que viveu aproximadamente entre 1805 e 1869 pode enriquecer a discussão sobre Monteiro Lobato e Tia Nastácia.

Trata-se do episódio no qual Brás Cubas - moço rico, bem nascido e seu tantinho exibido – relata seu namorinho com Eugênia. Namorinho à moda antiga, com que se divertiu o rapaz durante os poucos dias que passava na Tijuca.

Ele conta :

(...) e foi então que notei uma circunstância. Eugenia coxeava um pouco, Tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé. A mãe calou-se; a filha respondeu sem titubear:

Não, senhor, sou coxa de nascença.

Mandei-me a todos os diabos; chamei-me desastrado, grosseirão. (cap. 32) O peor é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escarneo. Porque bonita, se coxa ? porque coxa, se bonita?

Tal era a pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo ao voltar para casa, de noite; e não atinava com a solução do enigma(...) Não desci [do Alto da Tijuca] ; e acrescentei um versículo ao Evangelho : — Bemaventurados os que não descem, porque delles é o primeiro beijo das damas.

Com effeito, foi no domingo esse primeiro beijo de Eugenia, —o primeiro que nenhum outro varão jamais lhe tomara, e não furtado ou arrebatado, mas candidamente entregue, como um devedor honesto paga uma divida. Pobre Eugenia (Cap.33) (...)

Emquanto esta idéa me trabalhava no famoso trapezio, lançava eu os olhos para a Tijuca, e via a aleijadinha perder-se no horizonte do pretérito [passado] , e sentia que o meu coração não tardaria também a descalçar as suas botas (Cap.36) ²

Quais os efeitos de leitura da passagem acima ?

Solidariedade com Eugênia e repulsa pela atitude preconceituosa de Brás Cubas, para quem beleza não devia/podia coexistir com um defeito físico ? Incentivo, pelo exemplo do narrador Brás Cubas, para pensar e agir com superioridade em relação a pessoas com problemas de locomoção ?

Parece que o próprio narrador – o cínico beijeiro Brás Cubas - se dá conta da dimensão ética que o episódio encena. Com a ironia (machadiana) costumeira, ele se dirige aos leitores, antecipando que o condenam e apresentando sua justificativa, arrematando-a com outro sentido da palavra *coxa*, agora relacionada à deusa Diana

Ha ahi, entre as cinco ou dez pessoas que me lêem, ha ahi uma alma sensível, que está de certo um pouquinho agastada com o capitulo anterior, começa a tremer pela sorte de Eugenia, e talvez...sim, talvez, lá no fundo de si mesma, me chame cynico. Eu cynico, alma sensível? Pela coxa de Diana ! (Cap.34) ???? ³

Disponível em: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=31316>

A questão do sentido ético da passagem permanece e talvez mesmo se fortaleça a partir desta intromissão do narrador : como se sentem pessoas como Eugênia – com problemas de locomoção- lendo a passagem ? Sentem-se compensadas pela insinuada crítica ao comportamento de Brás Cubas ? Ou sentem-se infelizes pela evocação de episódios de suas vidas trazida pela história de Brás Cubas ? Ou sentem-se revoltadas pelo comportamento de Brás Cubas ?

Encerrando esta breve excursão pelo século XIX machadiano, volto a Tia Nastácia e a Monteiro Lobato. Creio que o horizonte da questão levantada pelo Sr. Antonio Gomes da Costa Neto é o mesmo .

Precisamos perguntar, a propósito de Tia Nastácia: como se sentem negras lendo a representação que de Tia Nastácia faz Monteiro Lobato em sua obra ? Sentem-se compensadas pela afetuosa relação que

² Todas as citações de Memórias Póstumas de Brás Cubas vêm de <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=31316> A ortografia é a da época da publicação do livro.

³ Retomo aqui, de forma mais desenvolvida, a questão que apresento em “preconceito e intolerância em “Caçadas de Pedrinho “ , publicado na Revista Emília, n. 11 ARTIGOS | SETEMBRO. Disponível em <http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=30>

a cozinheira mantém com as crianças e os adultos brancos com que contracena ? Ou sentem-se infelizes evocando episódios de suas vidas semelhantes aos protagonizados por uma Tia Nastácia rebaixada nas representações que dela se sucedem nas histórias do sítio ? Ou sentem-se revoltadas pela posição subalterna em que Tia Nastácia é representada ?

Não se sabe.

E talvez não se possa saber.

Talvez haja inúmeras respostas. Seria possível generalizar ?

Creio que questões que têm múltiplas respostas precisam ser discutidas e não caladas. Voltando a Machado de Assis e a prováveis sentidos construídos por seus prováveis leitores para a passagem acima de Memórias Póstumas. A discussão não seria calada se uma nota de rodapé sugerisse ao leitor a inadequação do comportamento de Brás Cubas ? Ou seria o caso de se sugerir que novas edições do livro substituíssem a palavra “ coxa ” pela expressão “com deficiência motora ” ou qualquer equivalente politicamente correto ?

Não creio.

Mas a questão incomoda. Cresce de importância à luz de um *e-mail* recebido há dois anos (2013), que, a partir de polêmica sobre Caçadas de Pedrinho levantava questões a propósito da história de Eugênia e Brás Cubas acima transcrita_

Depois, (...) gostaria que a senhora me desse um parecer sobre um fragmento de Memórias Póstumas de Braz Cubas, sob a perspectiva de literatura na escola, entendo a escola institucionalizada como **formadora**. Eis aí o fragmento: “O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Este contraste faria suspeitar que a natureza é, às vezes, um imenso escárnio. Por que bonita se coxa? Por que coxa se bonita?”

Será que o papel da escola é mesmo livrar a barra do grande mestre da Literatura Brasileira, dizendo que ele estava apenas retratando a mentalidade da época ou, que ele foi medíocre neste aspecto????⁴

3) AINDA UMA OUTRA HISTÓRIA , NÃO TÃO RECENTE, PORÉM PARECIDA COM AS ANTERIORES

No tópico anterior fizemos uma viagem no tempo, vendo como um texto publicado em 1880 / 1881 levanta questões para leitores de 2013. Fomos de Monteiro Lobato a Machado de Assis.

Voltamos agora a Monteiro Lobato e ao ano de 1922, quando Lourenço Filho , do Ceará, comenta, em uma carta a recepção escolar de Narizinho arrebitado:

Lobato, V. não tem razão. A esta hora já terá recebido o jornal com a nota oficial da aprovação e adoção dos seus livros, bem como do Dr. Doria.

⁴ Retomo aqui, de forma mais desenvolvida, a questão que apresento em “preconceito e intolerância em “Caçadas de Pedrinho “ , publicado na Revista Emília, n. 11 ARTIGOS | SETEMBRO. Disponível em <http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=30>

E veja como V. é ingrato: o único embaraço na minha ação, aqui, foi exatamente o resultado da aprovação de Narizinho arrebitado. O clero me moveu tremenda guerra, sob o pretexto de que a adoção do livro visava ridicularizar a sagrada religião católica. Foi preciso, para manter a aprovação, que eu inventasse haver uma 2ª edição, sem os inconvenientes da primeira.

Lembra-se V. de que lhe falei sobre aquele tópico dos frei [?] com os sacramento, etc. Esse tópico, aí mesmo, ofendeu a muitos professores. V. só terá vantagens em suprimi-lo, quando reeditar o livro.⁵

No finalzinho da década seguinte, vamos a 1939 (13.11) , ano em que um órgão da *Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde Pública do Estado de São Paulo* ⁶ comunica à editora de Monteiro Lobato que Emília no país da Gramática (1934) não pode constar de acervos das bibliotecas escolares :

Em execução ao programa que esta Chefia de serviço se impôs , de cooperar com os editores no sentido de facilitar a difusão dos livros de literatura infantil , junto remeto cópia do parecer apresentado à mesma pela comissão que estudou o livro “Emília no País da Gramática”, da autoria do notável escritor patricio Monteiro Lobato.

Esta chefia, que subscreve os termos do referido parecer, não poderá opinar favoravelmente à autorização para que o livro em apreço possa constar em bibliotecas escolares enquanto nas edições persistirem os trechos ou palavras apontadas pela comissão ⁷

Dois anos depois, em julho de 1941, o ministro F. de Barros Barreto , presidente do Tribunal de Segurança Nacional encaminha ao Chefe de Polícia do Estado de São Paulo , em papel timbrado da Justiça Especial / Tribunal de Segurança Nacional o seguinte ofício :

Remetendo a inclusa cópia da promoção proferida pelo Ministério Público na queixa apresentada a esta Presidência pelo Sr. Tupi Caldas, Diretor da Recebedoria Federal em S. Paulo , solicito a V. Excia , *ex-vi* do art. 5º. do Decreto Lei No. 431 de 18 de maio de 1936 providencias no sentido de ser procedida a apreensão e destruição de todos os exemplares do livro “Peter Pan” de autoria do escritor José Bento Monteiro Lobato e que se acharem a venda nesse Estado.

Reitero a V. Excia os meus protestos de elevada estima e distinta consideração. ⁸

Dobrando a década, em 1956, o Padre Sales Brasil proferiu conferência aos funcionários públicos da Bahia da qual resultou o livro *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças*.

5 Acervo Cedae/ IEL / Unicamp. MLb3.2.00284cx6

6 Documento é assinado por Máximo de Moura Santos , que representa a Chefia do Serviço das Instituições Auxiliares da Escola do Departamento de Educação.

7 apud Albieri, Thais de Mattos. A gramática de Emília: a língua do país de Lobato . apud Lajolo, M. Ceccantini, J.L. Monteiro Lobato Livro a livro (obra infantil) SP: EMESP / Ed. Unesp. 2008. p. 255-271 ; ; A cultura gramatical em Emília no País da Gramática. (Mestrado) IEL / UNICAMP. 2005

8 Azevedo, C.L.de, Camargos, M. e Saccheta, W. Lobato: Furacão na Botucúndia . São Paulo: Ed. Senac 1997 p.309

Na apresentação da obra, diz o Pe. Alvaro Negromonte :

Este livro devia ter vindo há muitos anos, para evitar os imensos males que anda espalhando a Literatura Infantil de Lobato. Sempre tivemos, aqui e ali, pequenos estudos da obra demolidora de Lobato, desde que começaram a circular os seus livros. Fui um dos primeiros a combater essa influência perniciosa, na tribuna, na imprensa e no rádio. Em 1936, a Associação de Professores Católicos de Diamantina, denunciando “os grandes males que poderiam advir, para a fé e a educação cristã das crianças, da leitura das últimas obras de Monteiro Lobato”, pediu ao seu Arcebispo que as proibisse naquela arquidiocese. A resposta foi que os referidos livros já estavam proibidos pelo próprio Direito, segundo as normas do Cânon 1399 que condena “os livros que defendam heresia ou cisma ou de qualquer maneira procurem destruir os fundamentos da Religião”. (NEGROMONTE, 1958) ⁹

4) OUTRA HISTÓRIA AINDA (A ÚLTIMA) , TAMBÉM ANTIGA, PORÉM SEU TANTINHO SEMELHANTE ÀS DE NOSSOS DIAS

Pesquisando o trajeto (e os destinos...) de livros de literatura no Brasil colonial, a pesquisadora Márcia Abreu , em instigante ensaio intitulado “ Os censores leem romances “ ¹⁰ transcreve dois pareceres relativos a obras literárias.

O primeiro parecer data de 1818 e registra que

(...) este Poema tem as objecções que quasi geralmente tem contra si todas as Novellas, em prosa ou verso, por cheias de lascivia, e lugares communs de phantasia desenfreada, descriptiva de Casos e transes de heróis e heroínas de Romance. São condenaveis (...)

No ano seguinte, 1819, outro parecer é ainda mais rigoroso :

(...) seus titulos me inclinam a crer que todoso são novellas: e se neste conceito me não engano o meu parecer he que se lhes negue despacho: por que ainda que alguns possam ser innocentes, e devam contemplarse como [?] recreio : taes leituras desviam os mancebos das applicaçõens proveitosas: e exaltando a imaginação das pessoas mossas do sexo feminino as dispoem ordinariamente para mui graves desatinos (...)

Enunciando os aspectos negativos que tais censores-leitores encontram nos livros que lhes cabe analisar e avaliar, encontramos pareceres fundados nos “efeitos de leitura “ presumidos.

No primeiro parecer, a condenação se faz pelos efeitos lascivos que – pressupõe o censor / leitor / profissional- a leitura de tais livros desencadeará nos leitores . No segundo parecer, os maus efeitos da leitura são distintos para homens e mulheres : para eles, as novelas incentivam a preguiça; para elas – mais grave !- as novelas incentivam desatinos .

E devem, por isso, tais livros, ter sua circulação proibida .

9 Apud Selke, Ricardo de Castilho. Monteiro Lobato e seus críticos http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433691454_ARQUIVO_MonteiroLobatoeseuscriticosANPUH2.pdf

10 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Salvador, Bahia, 2002) . Disponível em <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/censores.pdf>

Diferente de hoje ?

Sim e não.

5) A LEITURA NO BANCO DOS RÉUS , SUAS SENTENÇAS E CONDENAÇÕES.

À semelhança do que propunham os censores / leitores / profissionais do século XIX - mas sem o *vontade* deles e mesmo com um certo constrangimento – sugere-se hoje o banimento de certos textos, considerados impróprios para certos públicos. É assim, ao menos, que interpreto matéria recente da Folha de São Paulo:

A edição de “Oliver Twist” usada pelo (Colégio X) revoltou pais.

O clássico do escritor inglês Charles Dickens (1812-1870) narra a vida de um menino órfão, Oliver, que é criado em condições miseráveis em um albergue de uma pequena cidade da Inglaterra. Mais tarde, acaba se envolvendo com criminosos em Londres. .

A edição indicada aos (xx) alunos do Xº ano é uma adaptação em quadrinhos (...) No site da editora, o livro é indicado para crianças com idade a partir dos oito anos. Uma sequência da HQ mostra o protagonista respondendo a uma provocação: “A partir de hoje, não serviremos mais filhos da p...!”, diz um personagem. Oliver responde: “Deixem-me em paz... e minha mãe não é prostituta”.

“Meu filho veio há uns dias falando: ‘O livro que a professora pediu para ler tem palavrão’. No começo, achei que fosse um palavrão tipo ‘merda’”, diz a engenheira química (XX), (XX anos), mãe de um aluno. “Ele tem dez anos e veio me perguntar o que era prostituta”, reclama.¹¹

Forma mais moderna de censura é a exigência de rodapés / advertências que antecipem para o leitor os sentidos que ele (leitor) deve construir para o texto bem como os sentidos que ele deve evitar. É o que ocorre, por exemplo, em Caçadas de Pedrinho, em sua mais recente edição. Na introdução, antecipando uma interpretação do livro que encontre na história autorização para caçadas de onças, a nota ensina:

(...) essa grande aventura da turma do Sítio do Picapau Amarelo acontece em um tempo em que os animais silvestres ainda não estavam protegidos pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA) nem a onça pintada era uma espécie ameaçada de extinção, como nos dias de hoje. (p. 09):

Para um leitor mais mal humorado, no entanto, esta preocupação com uma interpretação indesejável é um desrespeito ao leitor. Dá sequência à ideia de que é sempre necessária a intromissão de uma voz que (sem aquela deliciosa ironia do narrador machadiano das Memórias Póstumas) “orienta” , “paute”, “recomende”, o sentido a ser construído pelo leitor.

Esforço – ainda que bem intencionado – inútil.

E talvez contra-producente.

No caso deste livro lobatiano, a instrução relativa à preservação das onças, ostensivamente registrada, “ensina” ao leitor como interpretar o que lê. Ou seja, antecipa – e neste sentido, enfraquece – o protagonismo dos próprios animais em sua auto-defesa. Depois da morte da onça pela turma do Sítio, os animais – liderados pela capivara – fazem uma assembleia, denunciam a depredação da natureza pelos homens e articulam vingança.

(...) estamos, pois, com as nossas vidas ameaçadas de grande perigo e temos de tomar providências. por isso quero convocar uma reunião de todos os animais. vocês, que voam, sejam meus mensageiros. voem sobre a mata e avisem a todos para que estejam aqui reunidos amanhã a noitinha, debaixo da figueira brava. (p 22)

(...) não há mais terras habitáveis neste país. os homens andam a destruir todas as matas, a queimá-las, a reduzi-las a pastagem para bois e vacas. no meu tempo de menina podíamos caminhar cem dias e cem noites sem ver o fim da floresta. agora quem caminha dois dias para qualquer lado que seja dá com o fim da mata. os homens estragaram este país. (p. 23)

Nada politicamente mais correto, não é mesmo ?

No entanto, é a tutela paternalista manifestada em relação aos animais e ao meio ambiente, que é proposta como modelo do tratamento a ser dispensado a passagens de preconceito e intolerância.

Na esteira da denúncia do Sr. Antonio Gomes da Costa Neto, sugere-se

(...) exigir da editora responsável pela publicação a inserção no texto de apresentação de uma nota explicativa e de esclarecimentos ao leitor sobre os estudos atuais e críticos que discutam a presença de estereótipos raciais na literatura. Esta providência deverá ser solicitada em relação ao livro Caçadas de Pedrinho e deverá ser extensiva a todas as obras literárias que se encontrem em situação semelhante (...)

A proposta de uma *nota explicativa*, talvez não favoreça a tão necessária formação de leitores atentamente críticos a questões de preconceito e intolerância no que leem.

Da mesma forma que a capivara é porta voz da defesa dos animais e do meio ambiente, Tia Nastácia é porta-voz de si mesma, na afirmação de seus direitos.

No episódio que “fecha” o livro, a cozinheira ensina Dona Benta:

(...) agora chegou minha vez. Negro também é gente, sinhá (...)

Nada politicamente mais correto, não é mesmo ?

E, para celebrar a correção de Tia Nastácia, encerro estas maltraçadas transcrevendo na íntegra o belo texto de Joel Rufino dos Santos do qual recortei a epigrafe lá de cima.

O MINOTAURO

Joel Rufino dos Santos

Meu esporte favorito é olhar estantes, refazer viagens. Que impressão me causou, lá por 1950, aos nove anos, *O Minotauro*, de Monteiro Lobato? É uma história engenhosa.

Confusão na festa de casamento de Branca de Neve. A boa preta Nastácia, atarefada na cozinha do palácio, se perde. Para encontrá-la, a turma do Pica-pau Amarelo parte para a Grécia, onde receberá inestimáveis lições de filosofia e política. Chegam no instante em que o Minotauro, tourão de corpo humano, se farta com os bolinhos da preta. Seduzido pelo estômago, gordo com três papadas, adia a hora de devorá-la. “Sim, você está salva, Nastácia, e vai voltar para o Pica-pau, e vai continuar por toda a vida a fazer bolinhos para nós. Vê como é bom saber fazer uma coisa bem feita?”, arremata Emília.

Quem principalmente faz a sorte dos livros é o público. Conforme muda a expectativa do público, mudam as escolas, movimentos, tendências, estilos etc. Por isso, exceto para os formalistas empedernidos, a estrutura de uma obra de ficção é a história do seu tempo.

Bastaram cinquenta anos para brilhar a servidão de Tia Nastácia. Fazer e servir bolinhos para sempre a tornava *simpática* aos leitores de Lobato; aos de hoje, não. A servidão está descrita lá, com simpatia: ela é a *boa preta*, feliz no seu lugar.

Uma preta condenada a fazer bolinhos, feliz com seu destino não é mais simpática hoje. O que mudou? O tempo histórico.

O leitor conhece as babuskas? São aquelas bonecas idênticas, que dizem popular na Rússia, uma metida dentro da outra — bisavó, avó, mãe, filha. A última, a mais interior, é maciça: dentro dela nada pode caber. Babuska é metáfora da obra literária.

Um romance é formado por diversas *bonecas*: o gênero a que pertence, a língua, o estilo do autor, o ritmo, a forma etc.etc. Todas se assemelham, compondo uma unidade: a unidade da obra literária. São idênticas e, ao mesmo tempo, diversas. A última, a mais interior, a sua *estrutura* é o tempo histórico — o *conteúdo de ideias* do tempo histórico em que foi escrita. Esse conteúdo é maciço: não há outra boneca dentro dele, é o último. Sua insubstituívelidade, paradoxalmente, é feita de mudança, tomando sempre novas qualidades.

Um conteúdo do tempo de Lobato era a democracia racial. Se acreditava nela piamente, em prosa e verso. As grandes obras do período revelam esse conteúdo: Zé Lins, Graciliano, Jorge Amado, Raquel de Queirós, Guimarães Rosa... Um conteúdo de nosso tempo é a desmoralização da democracia racial, a luta racial está por toda a parte. É o tempo das cotas. É ele que torna politicamente incorreta, a boa preta Nastácia. Como grande escritor, Lobato, ele próprio, falseia seu retrato, à espera da leitura do tempo de hoje: Nastácia, a serva, fabricou Emília, a boneca perguntadeira (“comunista” para os reacionários do tempo).

Não só eu era garoto, quando me leram *O Minotauro*. Os tempos também eram outros.

(Santos, Joel Rufino dos. *Crônicas para ler na escola*. RJ. Ed. Objetiva. 2013)